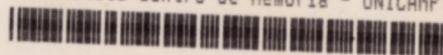


TOLEDO, Conceição Arruda. Folclore em Campinas. Diário do Povo,  
Campinas, 07 dez. 1974.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030600

## Folclore em

## Campinas

*Diário do Povo*  
7-12-74

7.12.74 CONCEIÇÃO ARRUDA TOLEDO

Há em nossa cidade alguém que se deixou empolgar pela cultura espontânea, a arte popular, os usos e costumes simples, práticos e tradicionais, às vezes, de famílias inteiras.

Alguém que há mais de dez anos embrenhou-se em exaustivas pesquisas, entrando em contacto com os artesãos da zona urbana, visitando-os seguidamente, aprendendo com eles a execução de seus trabalhos, catalogando-os, fotografando-os, gravando entrevistas nas quais relatam em linguagem simples, todo o histórico do artesanato que praticam.

Alguém que se tornou amiga dos artesãos, frequentando-lhes a casa, tomando refeições em sua companhia, defendendo-lhes a arte, procurando preservá-la em sua pureza autêntica, livrando-a de "enxertos" bem intencionados, porém, prejudiciais.

Alguém que luta pelos direitos dessa gente simples e obreira, que nos encanta com o fruto de seu trabalho, procurando sensibilizar as autoridades municipais, abrindo-lhes os olhos para a riqueza de criatividade, a habilidade no manejo de instrumentais primários, resultando objetos, brinquedos, tapeçarias, trabalhos de toda ordem, feitos de linha, lata, madeira, couro, ferro, etc. de tal sorte originais, que os estrangeiros que por aqui aportam, carregam para suas terras, reconhecendo neles o valor que nem sempre lhes é dado por seus conterrâneos.

É a história: Santo de casa não faz milagres...

Mas a professora Alba Carneiro Vidigal tem olhos para ver, ouvidos para ouvir, alma para sentir!

Ela descobriu o rico filão folclórico de nossa cidade, mostrando-nos parte considerável dele em uma palestra, ilustrada com a projeção de interessantes diapositivos, fotografados por ela mesma nos locais de trabalho dos diversos artesãos focalizados. — tudo isso por obra e graça do Departamento de Cultura da Municipalidade, em muito boa hora colocado sob a orientação da jovem senhora Marilúcia Vacchiano, cuja clarividente visão tem-se tornado evidente pelo apoio que vem dando aos assuntos artístico-culturais de Campinas.

Alba Carneiro Vidigal, no salão nobre do Paço Municipal, dia 28 de novembro último, falando a um público atento, provou que nossa cidade, apesar do seu ciclópico desenvolvimento urbano, neste terceiro lustro do século XX, num mundo altamente técnico e industrializado, ainda possui artesãos, e dos bons, dos autênticos, daqueles que orgulhariam qualquer centro metropolitano de qualquer parte do planeta, mas que, infelizmente, aqui trabalham no anonimato, desprotegidos das autoridades, fadados ao desaparecimento, porque precisam sobreviver!

Muitos deles vêm, aos poucos, abandonando o artesanato, buscando em outras profissões, o dinheiro para sustento próprio e de familiares, produzindo muito pouco, nas horas de folga, ou nada produzindo, por absoluta falta de tempo.

Com isso há duplo prejuízo: primeiro, ninguém deve executar um trabalho do qual não goste. Corre o risco de tornar-se mau profissional, além do sentimento natural de frustração, capaz de inspirar profunda revolta em qualquer um; segundo, toda terra que se preze deve possuir seus artesãos, para que visitantes procurem e levem para suas cidades, pequenas mostras artísticas locais, divulgando, dessa forma, a cidade visitada.

Cada terra tem suas características próprias, verdadeiramente marcantes nas obras artesanais. Há, aqui, o bordado de São Pedro; as esculturas de Vitálio; o entalhe no jacarandá dos presidiários de Salvador; os objetos de couro e de madeira do Sul do país; o artesanato de nossos índios; os colares de contas, bordados e nhandutis dos índios paraguaios; (aqui em Campinas há nhandutis tão bons ou até melhores que aqueles); as máscaras Incas e astecas; a cerâmica marajoara; e tantos outros, de tantos outros lugares, dentro e fora do país.

Por que não prestigiar, por que não divulgar as práticas e artísticas galinhas de arames para ovos, os lindos e coloridos cataventos, os bonecos marionetes, as rendas de bilros, enfim, o mundo de criações artísticas executadas pacientemente à mão, pelos nossos artesãos?

Por que não isentá-los de impostos? Por que não lhes proporcionar local de fácil acesso para suas exposições periódicas ou permanentes? Por que não incluir no roteiro turístico da cidade uma visita aos locais em que trabalham, proporcionando a nós outros a oportunidade de acompanhar passo por passo a execução da obra artística popular?

E mais ainda: Por que não editar o trabalho pacientemente elaborado pela professora Alba Carneiro Vidigal, — trabalho único, diga-se de passagem —, em que ela mostra, depois de longos anos de pesquisa e estudo, o manancial farto da arte espontânea em Campinas?

Por que não inclui-la no rol das prometidas obras que a Secretaria de Educação e Cultura prometeu publicar no ano do bicentenário da cidade, e das quais não temos nem sequer notícia?

As quinze obras prometidas para a tão esperada "Campiniana", que iria immortalizar o nome do atual Secretário de Educação, colocando-o num invejável pedestal, e que no entanto, não passou de apenas mais uma linda e inverossímil promessa?